

**De mercadoria a um bem comum:
uma agenda feminista para enfrentar a crise mundial da água**

Maria Teresa Rossetti Massari
Maria Auxiliadora de Souza Mendes Gomes

Abstract: *UN Women published a document that analyzed the state of the art when it comes to gender equality in Sustainable Development Goal 6 (SDG 6) - Drinking Water and Sanitation. The aim of the document is to show how a gender perspective can inform and strengthen the discourse around accelerating this SDG. It emphasizes the need for a feminist approach to addressing the global water crisis, one that recognizes the important role that women play in their communities as primary collectors, protectors and stewards of water.*

Keywords: *Sustainable development; Equity in water access; Women's health.*

Resumo: A ONU Mulheres publicou um documento que analisou o estado da arte quando se fala em igualdade de gênero no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 6 (ODS 6) - Água Potável e Saneamento. O objetivo do documento é mostrar como uma perspectiva de gênero pode informar e fortalecer o discurso em torno da aceleração deste ODS. Ele enfatiza a necessidade de uma abordagem feminista para enfrentar a crise global da água, que reconheça o importante papel que as mulheres desempenham em suas comunidades como principais coletoras, protetoras e administradoras da água.

Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável; Equidade no acesso à água; Saúde da Mulher.

“Água é sobre direitos humanos e igualdade de gênero. E por isso que a água precisa estar no centro da agenda política global”, Secretário-geral da ONU, António Guterres.

Os dados e projeções mais recentes sobre gênero e água revelam que o direito humano de acesso à água e ao saneamento ainda estão longe de serem uma realidade para muitas mulheres e meninas em todo o mundo. O documento publicado pela ONU Mulheres pede a representação igualitária das mulheres na liderança e na tomada de decisões e traça uma conexão clara entre justiça social, direitos ecológicos e direitos das mulheres.



A vida na terra depende da água e nenhuma forma de vida pode sobreviver sem ela. Os primeiros habitantes do planeta, guardiões e protetores da água, há muito a consideram como um recurso sagrado. A água, nesta perspectiva, não é algo a ser possuído, mas uma entidade viva que deve ser protegida de danos no ambiente, resíduos e poluição ao invés de explorada como mercadoria ou ativo financeiro

Com a crise global da água se agravando, chegou a hora de atender ao chamado de uma perspectiva centrada no respeito pelas dádivas que a água oferece, a partir da sua proteção. O empoderamento das mulheres como guardiãs e protetoras da água é alcançado através do reconhecimento e cumprimento dos seus direitos.

Desigualdade em um mundo cada vez mais escasso em água

A quantidade de água doce na Terra permaneceu constante por centenas de milhões de anos. Mas esses recursos não são infinitos. Eles serão exauridos se consumidos além dos limites da sua renovação. Apesar disso, em todos os países, a demanda por água está crescendo. Globalmente, o uso da água tem aumentado constantemente, em cerca de 1% ao ano nos últimos 40 anos. Além disso, projeta-se um crescimento de mais 20% a 30% até 2050, impulsionado principalmente pelo aumento industrial e demanda doméstica.

A maior demanda por água continua a ser impulsionada pela população em crescimento, desenvolvimento socioeconômico e maior adoção de recursos e padrões de consumo. O maior uso da água ocorre na agricultura, especialmente na agricultura irrigada (72%), seguida pelas atividades industriais (12%). Apenas 16% da água é usada pelos municípios para serviços voltados ao consumo direto das famílias, dos quais as mais pobres só conhecem as dificuldades associadas com a vida sem água potável e saneamento básico.

No contexto de maior escassez de água essas desigualdades de acesso tendem a crescer. Mulheres e meninas em domicílios com falta de água, que já passam muito tempo percorrendo longas distâncias para coletar água para suas famílias, enfrentarão problemas e dificuldades ainda maiores.

Uma nova abordagem feminista para reverter a crise global da água

Mulheres com fortes laços com a terra há muito defendem uma perspectiva radicalmente nova sobre a água e o desenvolvimento, aquele que reconhece, respeita e defende os direitos da água e de todos os seres vivos seres que dependem dela. Por muito tempo essas perspectivas foram marginalizadas e ignoradas. Os esforços para trazê-las à luz estão crescendo, mas permanecem limitadas em escopo e alcance.

De acordo com a avaliação mais recente da Meta ODS 6.5 (até 2030, implementar a gestão integrada dos recursos hídricos em todos os níveis, inclusive via cooperação transfronteiriça, conforme apropriado) esforços nacionais têm sido feitos para equilibrar demandas concorrentes de água com sustentabilidade ambiental, mas ainda assim eles permanecem em grande parte inadequados. Além disso, identificou-se que há um alto nível de compromissos no papel, mas que na prática, as perspectivas de gênero no planejamento, gestão e tomada de decisão estão ausentes em grande parte.

Uma abordagem feminista para a crise da água reconhece o papel fundamental que as mulheres exercem em suas comunidades, como as principais coletoras, protetoras e gestoras de água. Essa perspectiva exige a representação igualitária de mulheres na liderança e tomada de decisões nas suas comunidades para incorporar suas perspectivas, inclusive sobre os “direitos da natureza”, como parte da governança de um projeto ecologicamente responsável pela água. Fundamentalmente, essa abordagem desenha uma clara conexão entre justiça social, ecologia, direitos humanos e direitos das mulheres, e defende que, para acelerar o ODS 6, inevitavelmente, os países devem acelerar o ODS 5 (igualdade de gênero) e vice-versa. Nesse sentido, o relatório destaca que os direitos humanos relacionados com a água, a partir da

perspectiva de gênero, reforça o argumento de que proteger os ecossistemas aquáticos e garantir os direitos e o bem-estar de mulheres e meninas andam de mãos dadas. Ele considera que as principais causas da crise hídrica (mudanças climáticas, consumo excessivo, poluição e má gestão) e lacunas no acesso à água potável e saneamento adequado têm relação íntima com a desigualdade de gênero, tornando as mulheres mais vulneráveis à crise da água e aos efeitos que ela têm sobre o risco de pobreza das mulheres, problemas de saúde, insegurança alimentar e violência.

O direito à água e o direito à vida

Reconhecido em 2010 pela Assembleia Geral das Nações Unidas como um direito humano básico, sem o qual o “pleno gozo da vida e de todos os direitos humanos” não pode ser realizado, o direito à água é o direito à própria vida.

O acesso à água e à serviços de água é particularmente importante para mulheres e meninas que, na maioria das vezes, são as fornecedoras e usuárias primárias de água em suas famílias. Da mesma forma, o acesso inadequado ao saneamento compromete não só a higiene menstrual e a saúde das mulheres, mas também pode expô-las à violência.

Tanto o direito à água potável como o direito ao saneamento são reconhecidos como fundamentais para promover os direitos e a dignidade das mulheres. Como tal, a Assembleia Geral das Nações Unidas de 2015 ratificou uma resolução sobre os direitos à água e ao saneamento.

Além disso, a Agenda 2030 reconhece a centralidade dos recursos hídricos para o desenvolvimento sustentável e a relação entre água potável, saneamento, saúde, educação e redução da pobreza. Ao mesmo tempo que rejeita a noção de que a degradação ambiental é justificada em busca de padrões de vida mais elevados.

Igualdade de gênero e uma abordagem baseada em direitos de acesso à água e saneamento

Disponibilidade: uma pessoa média precisa de pelo menos 20 litros de água por dia para satisfazer as suas necessidades básicas. Ainda assim, ao redor do mundo, mulheres e meninas das comunidades mais pobres sobrevivem com muito menos que isso.

Esse déficit coloca milhões de vidas em risco - mais de 800.000 mulheres perdem a vida todos os anos devido ao acesso insuficiente à água, saneamento e higiene.

Acessibilidade: mulheres e meninas em muitos países ainda são forçadas a caminhar longas distâncias para levar água para suas famílias, gastando em média entre três e seis horas todos os dias nesta atividade. Mais tempo coletando água significa menos tempo para outras atividades, incluindo emprego e educação, o que acaba por fortalecer as desigualdades de gênero e perpetuar a pobreza. Em Serra Leoa, por exemplo, 62% das famílias dependem de mulheres para coletar água e 15% em meninas.

Acessibilidade financeira: milhões de pessoas em todo o mundo precisam utilizar fornecedores privados de água, incluindo caminhões tanque, carrinhos pequenos e água engarrafada e embalada para suprir as suas necessidades de água limpa. Estes recursos são muito mais caros que o fornecido público de água encanada, mas muitas vezes são a única opção onde a infra-estrutura não é desenvolvida. O custo da água é um problema crescente que afeta mais as mulheres do que os homens. Uma análise de 22 países mostra que as mulheres são mais propensas a dizer que tiveram dificuldades financeiras para pagar contas de serviços públicos, incluindo a conta de água (13% das mulheres).

Qualidade e aceitabilidade: globalmente, estima-se que em 2020 44% de toda água residual doméstica não foi seguramente tratada antes da liberação no meio ambiente. Além disso, quase 122 milhões de pessoas globalmente coletam água de fontes não tratadas. A má qualidade da água e os riscos de saúde associados são um problema crescente em todos os países e regiões. Um estudo citado no relatório, com base em dados de 162 países, mostra que 3 em cada 10 pessoas dizem não estar satisfeitas com a qualidade da água - mulheres de baixa renda são mais propensas a relatar preocupações com a qualidade da água, em comparação com as mulheres de maior renda.

Imagem 1 - As raízes das crise global da água

		
Mudanças Climáticas O número de pessoas expostas em áreas propensas a inundações aumentou quase 1/4 desde 2000 devido às consequências do aquecimento global, incluindo chuvas extremas, elevação do nível do mar e furacões mais intensos.	Demanda Aumentada Globalmente, o uso da água tem aumentado constantemente, em aproximadamente 1% ao ano nos últimos 40 anos. Projeta-se acréscimo de outros 20% a 30% até 2050.	Poluição e Má Gestão De acordo com a mais recente avaliação da Meta 6.5, os esforços nacionais para equilibrar as demandas de água com a sustentabilidade ambiental permanecem amplamente inadequadas.

Fonte: adaptado de UN Women, 2023.

1) Mudanças Climáticas

Excesso de água devido a ciclones, inundações e furacões ou escassez de água diante de graves e prolongadas secas podem destruir a vida e expor mulheres e meninas a intensas dificuldades, incluindo maior insegurança alimentar, pobreza e violência. As mudanças climáticas têm causado desastres naturais e riscos climáticos mais frequentes, graves e mais destrutivos. Toda a vida na Terra está em risco com todos os graus de aquecimento.

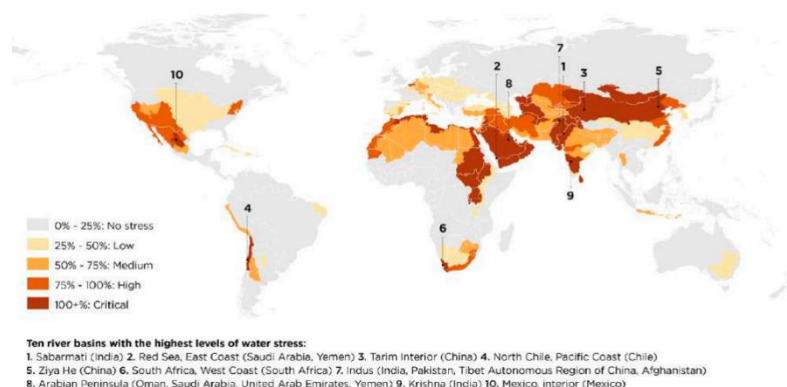
2) Aumento na demanda de água

Em 2020, 18,2% de todos os recursos hídricos doces renováveis estavam sendo retirados. Embora este número esteja abaixo do valor de referência considerado para estresse hídrico (25%), ele esconde grandes variações entre regiões e países. Na realidade, uma grande parte da população mundial vive em condições de estresse hídrico, e o número de mulheres expostas é projetado para crescer nos próximos anos.

Em 2023, estima-se que 380 milhões de mulheres e meninas do mundo (9,5%) vivem nos 26 países com estresse hídrico alto ou crítico. Projeta-se que este número chegue a 471 milhões até 2030 e 674 milhões até 2050, representando 11,1% e 13,9%, respectivamente.

O estresse hídrico, mapeado pelas principais bacias hidrográficas mostra até que ponto os recursos hídricos estão sendo explorados.

Imagem 2 - Estresse hídrico por grandes bacias hidrográficas, 2018 (porcentagem)



Fonte: adaptado de UN Women, 2023.

3) Poluição e Má Gestão

A gestão de água e resíduos refere-se às tomadas de decisões para atender de forma sustentável as necessidades dos usuários no que se refere à água. Sem uma gestão de resíduos adequada, eficaz, sustentável e equitativa, os recursos hídricos se tornarão mais escassos e/ou poluídos. A consequência para as pessoas e o planeta é uma distribuição desigual e insustentável.

Alguns estudos recentes apontam que até 80% da água residual de todo o mundo - incluindo água não tratada, esgoto, escoamento agrícola e resíduos industriais - são descartados de volta ao meio ambiente sem nenhum tratamento.

Questões sobre quem tem acesso à água, como ela é distribuída, quem mantém seus sistemas e faz a gestão de resíduos, e quem toma decisões sobre seu uso, são complexas e moldadas por muitos fatores, incluindo normas de gênero e relações de poder.

Outro ponto da gestão que é levantado pelo documento é a necessidade de cooperação transfronteiriça, focada no uso sustentável e equitativo dos recursos hídricos, particularmente em locais de clima quente que transcendem as fronteiras do país.

Todos os processos de gestão da água devem incluir mulheres e comunidades locais como o foco e epicentro da crise hídrica. Ainda assim, as mulheres continuam gravemente sub-representadas nesse processo. Em 2020, de 170 países apenas 26% alcançaram níveis altos ou muito altos de integração de gênero na gestão dos recursos hídricos, planos, leis e afins. Em 2019, apenas 23,7% dos gestores de grandes empresas de serviços públicos (com mais de 200 funcionários) eram mulheres. Em concessionárias menores, a participação foi inferior (23,1%).

Normas sociais tendenciosas em torno da capacidade das mulheres de fazer trabalhos técnicos e a falta de políticas sensíveis ao gênero no local de trabalho são algumas das barreiras que inibem o recrutamento e a retenção de mulheres no setor de água.

Ônus da coleta de água

Quando a água potável segura não está disponível, o ônus da coleta de água e seu tratamento recai em grande parte sobre mulheres e meninas. Um estudo de 24 países da África

Subsaariana estimou que 3,4 milhões de crianças (62% de meninas e 38% de meninos) e 13,5 milhões de mulheres gastam mais de 30 minutos por dia indo buscar água. No Malawi, as mulheres sem água potável gastam em média 54 minutos por dia coletando água, enquanto os homens gastam 6 minutos. No Iraque, o estudo mostra estresse hídrico alto (79,5%), onde 30% da população rural não melhorou as instalações para acesso à água potável e as mulheres gastam três horas por dia coletando água. (Para acessar os dados completos, [clique aqui](#)).

Os últimos dados disponíveis de uma seção transversal de países confirmam que enquanto homens e meninos também são responsáveis pela captação de água, mulheres e meninas são, na maioria das vezes, as principais coletoras. Vale lembrar que as mulheres rurais, em particular, arcam com o maior fardo. Em Chade, as crianças são as principais coletoras de água em 20% dos lares. Os dados mostram que meninas menores de 15 anos de idade têm quase cinco vezes mais probabilidade de serem responsáveis pela coleta da água quando comparadas aos meninos da mesma idade.

Água insegura e problemas de saúde

Globalmente, a mortalidade e as doenças ligadas à falta de água potável afeta desproporcionalmente as mulheres. A cada ano, cerca de 660.000 mulheres perdem suas vidas prematuramente devido à insegurança das fontes de água em comparação com 570.000 homens.

As estimativas regionais mostram uma distribuição mista: mais de 9 em cada 10 mulheres que morrem devido à falta de água potável vivem no centro e sul da Ásia (57,6%) e na África Subsaariana (34,3%).

A água contaminada está associada a doenças como cólera, diarreia, disenteria, hepatite A, febre tifoide e poliomielite, todas evitáveis com serviços adequados para fornecer água potável. Além disso, beber água contaminada ou sem tratamento pode expor as pessoas a toxinas transmitidas pela água, incluindo metais pesados e produtos químicos.

A saúde reprodutiva depende de água potável e saneamento. Mulheres e meninas têm maior necessidade de serviços adequados de água e higiene durante gravidez e após o parto. Por exemplo, todo ano, 44 milhões de mulheres grávidas são infectadas com ancilostomíase, que causa anemia materna e nascimentos prematuros. Um ambiente higiênico, incluindo água potável e saneamento, é fundamental para a sobrevivência e saúde de mãe e filho durante o trabalho de parto e parto. No entanto, em 2021, 47% das instalações de saúde nos países menos desenvolvidos careciam de serviços básicos de água (por exemplo, três em cada quatro serviços de saúde no Níger e em Serra Leoa).

Quando a água desaparece, a violência e o conflito podem irromper

O aumento da competição por recursos hídricos leva à violência, conflito e outras estratégias negativas de enfrentamento. Mulheres e meninas nessas configurações estão em maior risco de sofrer violência dentro e fora de casa.

Estudos de caso da África Oriental sugerem que quando as mulheres são incapazes de fornecer água ou não concluir outras tarefas domésticas devido ao tempo gasto na busca de água, elas são mais propensas a sofrerem violência por parceiro íntimo.

A escassez de água também agrava os problemas e conflitos regionais com impactos destrutivos sobre as mulheres e meninas. A disputa por terras e recursos da natureza, em geral, tem sido a principal responsável por cerca de 40% dos conflitos regionais com mais de 60 anos.

Além disso, o conflito também pode reduzir o abastecimento de água. No Iêmen, uma greve em janeiro de 2022 destruiu um reservatório de água que abastecia mais de 130.000 pessoas. Considerando que mulheres e meninas são as principais responsáveis pela coleta de água lá, gastando entre duas e quatro horas por dia, a destruição dessa infraestrutura aumenta os tempos de viagem, expondo as mulheres e meninas à ameaça de violência de gênero por períodos mais longos, além da redução do tempo de estudo, trabalho e lazer.

Acompanhando o progresso do ODS 6 sob uma perspectiva de gênero

Os dados sobre o acesso à água e saneamento são coletados a partir de censos, pesquisas domiciliares e outras fontes administrativas que ainda apresentam grandes lacunas, especialmente no que se refere à evidenciar os desafios enfrentados por grupos específicos, incluindo mulheres e meninas com deficiência, em cenários de conflito, migrantes, grupos indígenas, e aquelas que enfrentam discriminação com base em raça ou etnia.

Os dados são amplamente ausentes para pessoas LGBTQIA+, especialmente transgêneros e pessoas não binárias. Além disso, porque muitos dados disponíveis são de acesso doméstico, os desafios enfrentados por indivíduos que não residem em um domicílio, como mulheres e meninas sem-teto, são negligenciadas.

Dos 231 indicadores para monitoramento dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, 51 são gênero específico, o que significa que os indicadores diferenciam explicitamente a desagregação do indicador por sexo. Já o ODS 6, que tem 11 indicadores globais, não tem nenhum que seja gênero específico, fazendo com que o objetivo, a partir de uma perspectiva de monitoramento, seja cego quanto ao gênero.

Considerações finais e recomendações

É fato que a maior vulnerabilidade das mulheres as impulsionou a agir e reivindicar maior igualdade no acesso à água e saneamento. Isso se explica pelo fato de as mulheres carregarem a maioria das tarefas relacionadas ao uso de água em suas famílias, desde caminhar longas distâncias quando a água escassa, até o cuidado com familiares que adoecem depois de beber água contaminada. Com papéis-chave na produção e preparação dos alimentos, as mulheres também enfrentam maior incerteza quando os recursos naturais estão se esgotando e o modo de vida de suas comunidades está perdido.

O documento ainda faz nove recomendações sobre essa agenda:

- Promulgar estruturas legais e instituições sensíveis ao gênero para proteger e conservar os recursos hídricos;
- Reverter padrões de produção e consumo desiguais e insustentáveis;
- Priorizar mulheres e populações vulneráveis nas estratégias de mitigação e adaptação às mudanças climáticas;
- Combater a desigualdade de gênero e outras formas de discriminação que exacerbam as desigualdade no acesso a água potável segura e aos serviços de saneamento;
- Promover a participação igualitária e a liderança das mulheres na gestão da água;
- Trazer as diversas perspectivas de mulheres ativistas no âmbito local, nacional e internacional, nas tomadas de decisões sobre a água, incluindo as mulheres de comunidades marginalizadas;
- Priorizar água potável segura e serviços de saneamento gerenciados com segurança em comunidades, escolas e centros de saúde;

- Acelerar a parceria e a cooperação, inclusive por meio de maior financiamento;
- Investir em dados de gênero para pautar as políticas de água e saneamento.

Para acessar o documento completo, [clique aqui](#).